



ENTRE ENCONTROS E DESENCONTOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA INTERVENÇÃO REALIZADA COM UM GRUPO DE MULHERES DO BAIRRO JOSÉ PINHEIRO CG/PB

Myria Juscilânia Maraço Silva (1); Nathália Carvalho da Silva (1); Itamara Lígia Rodrigues Vieira (2); Renaly Arruda de Sousa (3); Betânia Maria Oliveira de Amorim (4)

Universidade Federal de Campina Grande; myria_silva@hotmail.com

Resumo: A psicologia é um campo muito abrangente que compreende múltiplas vertentes teóricas, se estendendo para as mais variadas áreas no que diz respeito a sua atuação, utilizando diferentes métodos para realização de suas técnicas, intervenções e acolhimentos em áreas de ensino e aprendizagem. Um dos campos de atuação é a psicologia comunitária que trabalha com grupos diversos atendendo demandas das comunidades, com uma concepção metodológica que une o saber acadêmico com o popular, numa tentativa de construção coletiva de conhecimento. Uma das formas que possibilita realizar tal trabalho são as metodologias participativas que levam em consideração o contexto, ou seja, foca na construção de uma consistência crítica ao considerar a participação popular, com uma ideia de educação que possa propor certa horizontalidade do processo, negando assim a possibilidade de que alguém possa não aprender. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência de uma intervenção respaldada na concepção de educação em saúde e utilizando de metodologias participativas, realizada por alunas do curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande com um grupo de mulheres do bairro José Pinheiro CG/PB, tendo como metodologia o método de pesquisa-facilitação.

Palavras-chave: Psicologia comunitária, metodologias participativas, educação em saúde,

Introdução: O campo de saber e atuação da psicologia é amplo e utiliza de vários métodos para realização de suas técnicas, intervenções e acolhimentos em diversas áreas de ensino e aprendizagem, tanto num âmbito profissional prático, de atendimento aos clientes, quanto acadêmico. Uma forma que trabalha com uma concepção metodológica que une o saber acadêmico com o popular, numa tentativa de construção coletiva de conhecimento é a educação em saúde. De acordo com Traverso-Yépez (2001), a educação em saúde é do ponto de vista dominante e tradicional, uma área de saber técnico, ou seja, uma organização dos conhecimentos das ciências sociais e da saúde voltada para “instrumentalizar” o controle dos doentes pelos serviços e a prevenção de doenças pelas pessoas. O traço fundamental da educação popular em saúde está no método: o fato de tomar como ponto de partida do processo pedagógico o saber anterior das classes populares.

A prática universitária é uma face muito importante na psicologia, pois é a partir dela que os estudantes entram em contato com o público e podem realizar trabalhos junto com a comunidade. Uma das formas que possibilita realizar tal trabalho são as metodologias participativas que levam em consideração o contexto,

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



ou seja, foca na construção de uma consistência crítica ao considerar a participação popular, com uma ideia de educação que possa propor certa horizontalidade do processo, negando assim a possibilidade de que alguém possa não aprender. Deste modo propõe a construção do conhecimento através do diálogo, ao considerar que é através da palavra que o participante poderá se tornar sujeito da sua própria história e ainda assim por meio de uma troca e não de forma impositiva.

A participação deve ser concebida como um ato interativo entre os diversos atores sociais, na perspectiva de conhecer o contexto no qual encontram-se inseridos, processos de comunicação marcados pela participação ativa dos sujeitos envolvidos e pela valorização do saber local que se inter-relaciona ao saber científico. O uso de metodologia participativa possibilita o ato comunicativo, a aquisição de conhecimentos numa visão complexa e sistêmica da realidade, favorecendo a autogestão e uma melhor visualização para os atores sociais envolvidos no processo dos pontos necessários a uma atuação planejada (ANDRADE; SOUZA; RAMOS, 2005).

Nesse sentido, esse trabalho é fruto de uma proposta feita pela professora Betânia de Amorim na disciplina de Educação em Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, na qual incentivou os alunos a realizar alguma intervenção sobre educação em saúde utilizando de metodologias participativas em qualquer estabelecimento, local ou grupo, escolhido pelos discentes.

Sendo assim, a instituição que visitamos para esta proposta de metodologia participativa, se trata de um projeto social de nome “Sociedade Beneficente Betel”, instalado nas dependências anexas da Igreja Batista Independente Betel, situado no bairro José Pinheiro em Campina Grande- PB, aproximadamente há 35 anos na comunidade. O projeto social atende crianças, adolescentes e jovens que encontram-se expostos a uma situação de vulnerabilidade social, que vão dos 03 aos 22 anos. Hoje contam com em média 230 beneficiários. Escolhemos realizar a intervenção com um grupo de responsáveis pelas crianças atendidas pelo projeto.

Justifica-se esse trabalho visto que, a partir da proposta de realização de uma intervenção sugerida pela professora Betânia, sentimos que seria interessante proporcionar esse momento para as mulheres, mães ou demais responsáveis pelas crianças e adolescentes do projeto, visto que estes são acolhidos, mas não existe para as responsáveis um espaço para dialogar sobre elas, sendo o único momento de



interação as reuniões para falar das crianças realizadas a cada três meses.

Tivemos como objetivo principal construir um espaço de acolhimento para as mulheres responsáveis pelas crianças atendidas pelo projeto, tentando fazer com que elas se reconhecessem nas vivências umas das outras, afim de potencializar o sentimento de pertencimento de grupo, estimulando a capacidade de atravessar seus problemas em comum a partir da identificação com as demais.

Metodologia: Optou-se pelo método pesquisa-facilitação com o propósito de contemplar a inseparabilidade entre facilitação de grupo e pesquisa. É um método que se aproxima da pesquisa-ação e pesquisa-participante, mas que também se diferencia em alguns aspectos: a pesquisa-facilitação aproxima-se da pesquisa-participante no tocante à busca em aliar a investigação científica com a intervenção pedagógica, no entanto não nasce dos movimentos sociais e, diferentemente da pesquisa-ação, não busca uma solução técnica para um determinado problema (CASTRO, 2009, p. 88).

É uma forma de aliar a investigação científica e a atuação profissional sem, necessariamente, apresentar um resultado determinado para um problema comunitário. A primeira e basilar compreensão desse raciocínio é considerar a realidade local e grupal (profissionais e moradores) como a fonte da pesquisa: “A pesquisa faz parte da facilitação por exigência da própria prática facilitadora, do diálogo-problematizador entre profissional e morador” (GÓIS, 2008, p. 145).

Resultados e Discussão: Durante todo o nosso contato com o grupo e planejamento da ação, tivemos em mente a perspectiva da educação popular em saúde, no sentido de construir um diálogo que não se desse em meio a hierarquizações, mas sim numa horizontalidade com o público. Nesse sentido, antes de montar a intervenção, decidimos realizar uma visita às responsáveis, para estabelecer um primeiro contato, buscando não só conhecer as demandas do grupo, mas também incluí-lo no processo.

Realizamos esse primeiro momento por meio de roda de conversa. Inicialmente nos apresentamos como estudantes de psicologia da Universidade Federal de Campina Grande, posteriormente propondo uma metodologia de apresentação para quebrar o gelo chamada palavra-ação, seguindo as instruções: cada mulher daria um passo à frente, diria o seu nome seguido de uma característica que esta se identificasse e algum gesto que se relacionasse com a característica, por último todas repetiriam o nome,



característica e gesto. Seguindo tal técnica, propomos uma interação onde cada uma iria contar um pouco da sua história de vida para proporcionar uma maior descontração e interação entre elas. Em geral, pudemos perceber através de cada relato que:

- Havia mulheres de diferentes faixas etárias, variando dos 23 aos 76 anos;
- A maioria reside no bairro José Pinheiro;
- São em maior parte donas de casa e se dedicam tanto aos cuidados com filhos e netos quanto aos cuidados domésticos que acabam por incidir em uma rotina intensa e cansativa;
- Algumas almejam trabalhar fora, mas veem como fator impeditivo o baixo nível de escolaridade;
- Não estão satisfeitas com os serviços prestados em PSF e postos de saúde da comunidade;
- Houveram relatos de violência doméstica, tanto de agressão física como verbal;
- Algumas delas tem a vida marcada pela dependência financeira, fator que pesa na relação com os cônjuges e interfere no modo como estas mulheres se enxergam a partir de uma autonomia que é negligenciada.

A partilha de experiências pessoais durante a roda de conversa permitiu ao grupo um sentimento de identificação, estando a grande maioria daquelas mulheres sobrecarregadas e em parte conformadas com o excesso de atividades domésticas a elas elegidas pela sua condição de mulher (comprometida com os cuidados do lar, do esposo e das crianças). Esta cobrança exercida sobre elas as privam de maior atenção consigo mesmas, não há tempo para o cuidado de si, para enxergar a sua própria vida, os seus anseios, sonhos, saúde, bem-estar ou muito menos espaço para perspectivas futuras. Tal temática nos fez refletir o quanto esta situação de sobrecarga e esquecimento de si pode trazer sofrimento.

Ao final da roda de conversa propomos uma atividade que consistia na utilização de bexigas para simbolizar como elas estavam se sentindo após a conversa, as instruções foram que todas enchessem as bolas e, posteriormente, aquelas que estivessem com sentimentos negativos as secariam deixando a negatividade ir embora junto com o ar, já as que estivessem se sentindo bem continuariam com elas cheias. Pudemos notar a receptividade para com a vinda do grupo quando no final todas demonstraram estar felizes com todas as bexigas cheias.



Na Educação Popular, não basta que o conteúdo discutido seja revolucionário, mas que o processo de discussão não se coloque de cima para baixo. Enfatiza não o processo de transmissão de conhecimento, mas a ampliação dos espaços de interação cultural e negociação entre os diversos atores envolvidos em determinado problema social para a construção compartilhada do conhecimento e da organização política necessários à sua superação. Em vez de procurar difundir conceitos e comportamentos considerados corretos, procura problematizar, em uma discussão aberta, o que está incomodando e oprimindo. A Educação Popular é o saber que orienta nos difíceis caminhos, cheios de armadilhas, da ação pedagógica voltada para a apuração do sentir/pensar/agir dos setores subalternos, a como contribuir com a construção de uma sociedade fundada na solidariedade, justiça e participação de todos (Caderno de educação popular em saúde, 2007).

Visto isso, planejamos o segundo dia com o grupo de mulheres levando em consideração suas demandas e rotinas. A escolha do horário desse segundo encontro foi definida coletivamente partindo de pedidos delas devido a suas disponibilidades, decidindo então que ficaria às 13h30min, já que nesse horário estariam voltando do colégio onde deixam suas crianças e indo direto para o encontro. Percebendo no discurso das mulheres uma negligência de seus desejos em detrimento de outros, com as falas se voltando principalmente para a família, filhos, maridos, e mais que tudo, queixas referentes às tarefas domésticas e a monotonia de passar todos os dias em casa. Tendo isso em mente, optamos por realizar uma intervenção que as colocasse em foco, privilegiando suas posições, vivências e sentimentos, tentando retirá-las desta posição de coadjuvante em suas próprias vidas.

Neste sentido, optamos por nos basear na perspectiva da arte-identidade para construir a intervenção. A arte-identidade é uma abordagem que facilita o desenvolvimento evolutivo da expressão criativa inerente à identidade por meio da arte. Pode ser compreendida como uma prática no âmbito da atenção primária como apresentada no livro Saúde comunitária: pensar e fazer, de Cezar Wagner de Lima Góis (2008). Segundo o autor, a arte-identidade é uma “[...] abordagem expressivo-evolutiva (pedagógica e terapêutica), que parte da arte em sua função mediadora da relação indivíduo-mundo, para facilitar a expressão do potencial de vida inerente a todo ser humano, o qual por muitos caminhos anseia expressar-se, fazer-se singularidade com os outros no mundo” (GÓIS, 2008, p. 217 apud CÂMARA; GÓIS, 2015).

A partir da construção do primeiro momento, com a escolha do tipo de intervenção que seria feita com as mulheres, organizamos o



material e na quarta-feira, 08/03, que coincidentemente é celebrado o dia internacional da mulher, fomos ao seu encontro para realizar esse segundo momento. A atividade a qual propomos consistia em expressar-se por meio de uma linguagem mais lúdica, buscando uma criação livre, sem a necessidade de formas perfeitas, ou desenhos bem elaborados. Em seguida seria contada uma história ou uma explicação a cerca do que inspirou suas criações. “[...] Para entendermos a arte como expressão profunda do humano em sua manifestação pessoal e social. Por isso Arte-Identidade, uma proposta ao mesmo tempo pedagógica e terapêutica de expressão, recriação e fortalecimento da identidade pessoal e coletiva mediante a arte” (GÓIS, 2012).

Preparamos o ambiente dispondo as cadeiras em formato de círculo, com os materiais (folhas, pincéis, tintas, lápis, etc) ao centro para facilitar a escolha e acesso. Utilizamos a música de fundo como recurso para deixar o ambiente mais tranquilo e acolhedor.

A repercussão do primeiro encontro, de onde as participantes saíram entusiasmadas e agradecendo pelo momento propiciado, causou empolgação gerando expectativas em nós enquanto facilitadoras, que fomos surpreendidas com a presença de apenas três mulheres, a terceira tendo chegado já ao final da intervenção. Por essa razão tivemos que reformular a nossa estratégia, ainda assim, conseguimos extrair dessa experiência grandes reflexões que foram a centelha para novos questionamentos acerca da prática dos profissionais de psicologia e da formação universitária, questionamentos estes que orientaram a escrita desse texto.

Pudemos perceber que a proposta de intervenção sofreu atravessamentos estruturais, o que interferiu de maneira direta e indireta na execução do que havia sido proposto a priori. Elegemos três elementos principais para serem abordados: a criação do grupo e resistências, o contexto socioeconômico e cultural e questões relacionadas ao gênero.

No tocante a formação do grupo, o mesmo ainda não existia, como já foi mencionado anteriormente, haviam apenas reuniões trimestrais para tratar de questões ligadas a permanência das crianças e adolescentes na ONG. Portanto, a criação desse grupo foi de nossa demanda, interferindo na rotina das participantes, o que provavelmente influenciou na presença delas, configurando-se como um entrave na realização da intervenção, já que pudemos perceber que as três participantes pareciam acanhadas, possivelmente pela dissonância entre elas e o grande número de estudantes facilitadores. Consideramos que essa timidez por parte delas pode ser explicada pela falta de sentimento de pertencimento de grupo, já que tendo em vista o primeiro encontro, onde 9



participantes estavam presentes, a discussão e a troca de experiências fluiu com maior facilidade.

Nesse sentido, houveram algumas resistências também no processo de criação, Câmara e Góis (2015) realizaram uma pesquisa utilizando a técnica de Arte-Identidade com um grupo de 16 adultos com duração de um ano e três meses, totalizando 58 encontros. Nessa pesquisa identificaram cinco unidades de sentido: medos da criação e resistências a ela, processos de criação, polaridade existencial - libertação/nascimento *versus* prisão/bloqueios, natureza e, por fim, sentimento de grupo e de gratidão. Os autores colocaram a primeira unidade como sendo “a unidade de sentido que retrata os medos e as resistências que os participantes enfrentam no processo de criação [...] retrata ansiedade, angústia e negação que surgem com a possibilidade de enfrentar e criar algo novo” (CÂMARA; GÓIS, 2015).

Percebemos na nossa intervenção que as participantes ficaram apenas nessa etapa de medos da criação e resistências a ela. Segundo Toro (1991 apud Câmara e Góis, 2015) a ansiedade, o “pavor” e o “medo” traduzem mecanismos de desvio da função criativa e o indivíduo se acaba se movendo a partir de padrões impostos de fora, repetindo sequências de movimentos sem sentido e alheios a sua vida. Nesse sentido, esse desvio criativo foi notável nos momentos em que as participantes falavam frases como “eu não sei desenhar”, “não ficou bonito, é só isso que eu sei fazer”, “foi isso que eu aprendi na escola” e optaram por desenhar apenas florezinhas, jardins e casinhas. Notamos que o potencial criativo das participantes foi prejudicado pelo excesso de raciocínio lógico, timidez, autocensura e medo do ridículo, ao invés da expressão de sentimentos, que seria o objetivo principal na realização da intervenção. Além disso, o pequeno número de encontros, apenas dois, não permitiu que as outras unidades de sentido fossem alcançadas.

Na perspectiva socioeconômica e cultural, esse atravessamento pôde ser imaginado antes mesmo da visita, levando-se em consideração o contexto do local da nossa intervenção, visto que a ONG atende a famílias em situação de vulnerabilidade social. Segundo Abramovay et. al. (2002, apud REIS; GUARESCHI; HÜNING; AZAMBUJA, 2014) a vulnerabilidade não é inerente ao indivíduo, mas reside na falta ou no não-acesso a bens materiais e bens de serviço que possam, em ausência, torná-lo vulnerável. Seguindo esta lógica, estas mulheres e suas famílias não são vulneráveis, mas sim estão sujeitas a condições que as expõem à vulnerabilidade.



Estas condições podem ser das mais variadas ordens, como foi possível observar durante as visitas, desde o fato de serem mulheres dependentes financeiramente de seus companheiros, que cuidam sozinhas da casa e dos filhos, com baixa escolaridade, problemas de saúde e com acesso aos serviços, até a violência doméstica, propiciam uma situação de vulnerabilidade. Nesse sentido, suas rotinas cheias de afazeres, responsabilidades e cuidados, bem como o próprio esquecimento do encontro, pode ter justificado a ausência de muitas das mulheres no segundo dia de encontro.

Num país como o Brasil em que o atual Presidente da República ao “homenagear” as mulheres, reduz o papel delas na sociedade brasileira a tarefas como cuidar da casa, da formação dos filhos e do gerenciamento das compras no supermercado é impossível falar sobre mulher sem fazer referência a tradição de subordinação dela perante ao homem ainda bastante presente na atualidade, a qual perpassa diversas esferas do cotidiano. O estereótipo de gênero por vezes se mistura ao estereótipo das tarefas, algumas consideradas predominantemente femininas e outras masculinas, sendo o trabalho doméstico exercido pelo homem visto como uma “ajuda” à mulher e não como responsabilidade do homem no zelo pela casa (WAGNER, 2005). A grosso modo, as mulheres são socialmente responsabilizadas pelas questões domésticas, trabalhando ou não fora de casa. O trabalho doméstico continua “[...] largamente feminizado, sobretudo em termos das tarefas de carácter mais rotineiro, mais exigentes em termos de dispêndio de tempo e confinadas ao espaço interior da casa – preparação de refeições, limpeza regular da casa, cuidado e tratamento da roupa” (PERISTA, 2002).

Essa condição de mulher, e todas as atribuições nela contidas, a exemplo da dedicação exclusiva aos afazeres domésticos, foi uma das questões mais enfatizadas por todas as participantes, que relatavam um grande volume de atividades, tanto as que trabalhavam fora quanto as que não, sendo estas a maioria. Visivelmente sobrecarregadas, queixavam-se da monotonia de suas rotinas, do cansaço e da falta de tempo para si.

Considerações finais: Diante de tudo o que foi exposto, pode-se perceber que tais experiências nos fizeram refletir o quão desafiador foi o processo de planejamento de intervenção: em que lugar fazer o trabalho, como realizar, em quais teorias se basear, qual material deveria ser usado, como recepcionar, como problematizar, e no fim das contas reconhecemos a necessidade de tal aparato teórico, mas consideramos a necessidade um manejo diferenciado perante o grupo, ao reconhecer a possibilidade de



acontecer mudanças nos planejamentos de cada encontro, contribuindo livremente para uma construção muito mais coletiva e legítima, através das necessidades do próprio público e não de um dado pesquisador que muitas vezes transforma os espaços por onde circula em verdadeiros laboratórios públicos podendo manipular e elaborar dizeres que nem condizem com a realidade em si.

Pudemos perceber o quanto o contato com tais mulheres despertou em nós um pouco do que será a prática profissional, sendo esta cheia de desafios que iremos enfrentar através de um fazer ético e, sobretudo comprometido com a própria categoria, reconhecendo assim as limitações a que nos serão colocadas diariamente e não só isso, fazendo movimentar a própria prática, ou seja, através de todo este processo de elaboração tanto escrita como prática, compreendemos que ainda há muito que se trabalhar e conhecer para contribuir lá fora, para além dos muros das universidades e de tudo aquilo que aprendemos teoricamente.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, H. M. L. S.; RAMOS, M. E.; SOUZA, R. C. **Metodologia participativa como ferramenta e estratégia utilizada pela INCUBACOOOP para a inclusão de grupos populares em Recife – PE**. Revista Brasileira de Extensão Universitária, Rio de Janeiro, RJ, 3. 2005

BRASIL, Ministério da Saúde. **Caderno de educação popular e saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

CÂMARA, C. M. F.; GÓIS, C. W. de L. **Sentidos e arte: pesquisa-facilitação com um grupo de arte-identidade**. Revista Psicologia: Teoria e Prática, São Paulo, SP, 17(1), 50-60, jan.-abr. 2015.

CASTRO, G. S. **Diálogos e vivências com arte(e)identidade**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil, 2009.

GÓIS, C. W. de L. **Saúde comunitária: pensar e fazer**. São Paulo: Hucitec, 2008.

GÓIS, C. W. de L. **Psicologia clínico-comunitária**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2012.

PERÍSTA, H. **Gênero e trabalho não pago: os tempos das mulheres e os tempos dos homens**. Análise Social, 37(163), 447-474, 2002.

TRAVERSO-YÉPEZ, M. **A interface Psicologia Social e Saúde: perspectivas e desafios**. Psicologia em Estudo, Maringá, 6(2), 49-56, 2001.

WAGNER, A.; PREDEBON, J.; MOSMANN, C.; VERZA, F. **Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 21(2), 181-186. 2005.